

EDUARDO GUILHON ARAÚJO

A QUIMERA DO TORTO

um olhar oblíquo pela história do Brasil

...
século XX

Pragmatha
São Paulo
2020

Pragmatha Editora
www.pragmatha.com.br

Edição: Sandra Veroneze
Identidade visual e diagramação: Pragmatha
Copy right: Do Autor
Contato: egaraujo@gmail.com

Todos os direitos reservados
Proibida reprodução total ou parcial sem a expressa autorização

A663q Araújo, Eduardo Guilhon.

A quimera do torto: um olhar oblíquo pela história do Brasil:
século XX / Eduardo Guilhon Araújo. – São Paulo: Pragmatha,
2020.

136 p. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-65-86926-15-6

1.Contos brasileiros. 2.Prosa brasileira. 3.Brasil – História –
Século XX – Ficção. I.Título.

CDU 869.0(81)-34
CDD (23. ed.) B869.3

Catálogo na publicação:

Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

para meus pais,
adelino e ana maria,
com todo o meu amor.

para catarina
que você também aprecie o
navegar (im)preciso pela história.

agradecimentos

à margarete
pelo apoio nos sonhos

a sabino
que com o seu menino
ensinou-me a gostar de ler

a leitura é a antessala da escrita

Sumário

Introdução ...	11
Alvos Equinos ...	13
A Casa de Botafogo ...	17
Os Segredos do Morro ...	25
O Civil ...	33
A Coluna ...	39
República, Rebeldes e Amor ...	47
A Menina de Guadalupe ...	55
Palácio das Águias, cinquenta e quatro ...	63
O Azteca ...	69
A Quimera do Torto ...	75
O Opinião ...	81
O Deputado no Planalto ...	87
A Missa ...	93
1989: O LokaKama e o Stille Hilfe ...	101
A (in)Feliz Poupança ...	107
A Saga de Um Militante ...	115
A Rua da Vala e o Segredo Imperial ...	119
A Escada ...	123

Introdução

Este é um livro de contos, onde o leitor fará um passeio desprezioso pela história do Brasil do século XX. A narrativa é conduzida por coadjuvantes, porém sempre muito próximos aos atores principais. A proposta é de sabor ficcional com pitadas da história real, ou vice-versa, pois a ordem ou a intensidade pouco importam para o resultado.

A leitura destes contos permite uma abordagem mais humana da história, mais franca e mais próxima das pessoas que a viveram. Deve-se lê-los sem pretensão alguma de encerrar neles alguma pesquisa histórica; pelo contrário, a proposta é abrir horizontes e curiosidades de fatos tão importantes da história recente de nosso país.

É necessário deixar claro que, apesar da ficção, há sempre algum fato histórico real que motivou os contos aqui escritos. Em algumas vezes, tais fatos são de fácil percepção; outros, são menos comentados, menos estudados, menos presentes na vitrine histórica. Fica o desafio para o leitor buscar as fontes pertinentes quando necessário e tentar identificá-los.

Não há regras rígidas sobre a relevância de cada fato. Não quis - e nem pretendo - definir os principais eventos - que são inúmeros - do século XX na história do Brasil. Apenas elegi aqueles que me despertaram sobremaneira a curiosidade, e que mais me retornaram prazer em sua pesquisa.

A história - e em particular o ensino da história - pode ser surpreendentemente saborosa, se nos libertamos da obrigação de degustá-la apenas visando alguma aprovação futura, realidade tão amiúde em nossa vida escolar. Mesmo tendo descoberto esta paixão tardiamente, testemunho que ela só me trouxe prazeres, seja em leituras, pesquisas, viagens (outra paixão, por si só) e à escrita diletante.

Este livro alcançará seu pleno objetivo se conseguir acender um pouco desta paixão no leitor.

Oxalá (duplo).

Oxalá (ou triplo?).

ALVOS EQUINOS

Apesar de já ser quase verão, ainda fazia frio durante a noite em Petrópolis, cidade da região serrana do estado do Rio de Janeiro. Descendente em nome do Imperador Dom Pedro II, a cidade não perdia a majestade, mesmo após o fim do império.

Vários políticos e personalidades importantes da capital possuíam casa de verão por lá, justamente pelo clima ameno. Santos Dumont, Barão de Mauá, Barão do Rio Branco, só para citar alguns. Foi justamente na casa do Barão do Rio Branco (Juca Paranhos para a família) que aconteceu o fato que se narra agora.

Nesta época, José Maria era o responsável pelo estábulo. Caboclo da região, havia se empregado, pois raramente conseguia tirar da roça que possuía em casa o sustento da família. Iniciava sua rotina antes do sol nascer, exatamente às quatro da manhã. Levantava-se, tomava uma boa dose de café - às vezes acompanhada de um pedaço de pão - e saía para a longa caminhada até a casa do Barão. Sua função era guar-

dar e cuidar dos cavalos e carruagens, especialmente quando o dono estivesse por lá.

Em início de novembro daquele ano, o Barão chegou com uma grande comissão da capital. Foram quatro carruagens repletas de documentos. Dois dias depois, para surpresa de José Maria, outra comissão chegou, desta vez de bolivianos. Vinham direto da Bolívia, descendo o altiplano boliviano até Petrópolis em uma longa viagem repleta das mais variadas condições, frio, calor, sol, chuva, perigos, verdadeira aventura diplomática. José Maria conseguiu, com certa dificuldade, arrumar todas as carruagens e cavalos no estábulo, separando-os dos cavalos da própria casa. As duas comissões, a partir do dia seguinte, reuniam-se diariamente quase o dia todo e ouvia de longe discussões acolaradas que pouco lhe importavam. Era indiferente.

Procurava fazer seu trabalho com o esmero, escovando os cavalos, limpando as carruagens, alimentando os animais... tinha predileção por dois cavalos brancos, que escovava até o limite da perfeição. Depois gostava de passear com eles para que pudessem exercitar-se e realmente os dois eram dignos representantes da suprema beleza equina.

Era o melhor momento da vida daquele caboclo. Ao subir naqueles cavalos sentia-se o imperador do mundo, invencível, imortal. Trotando e correndo pelo gramado, era difícil distinguir onde terminava o cavalo e começava o homem. Parecia que o mundo parava para admirá-los, naquela perfeita relação homem x máquina. Ele mesmo sentia-se não mais senhor dos equinos, mas parte de um todo, um sistema onde

cada parte só funciona agregada a outra (qual dois amantes que no momento do amor transformam-se em apenas um).

Estava ele justamente no passeio matinal quando foi surpreendido pelo dono casa observando-o. Levou susto pois não o esperava ali, especialmente naquele momento, hora de reunião.

“Bom dia Doutor.”

“Bom dia José, como vai a vossa mercê?”

“Bem Doutor, bem”.

“Belo cavalo este. Fazes um bom trabalho aqui.”

“Obrigado Doutor.”

Tinha o doutor olhar triste e perdido no horizonte. José não sabia muito o que fazer, se devia conversar, mas achou melhor continuar seu laboro. Acabou de caminhar com os cavalos, os escovou mais um pouco e os guardou.

Ao passar novamente pelo doutor comentou.

“Estes cavalos são muito bonitos mesmo Doutor. Quantas pessoas não dariam tudo para ter cavalos assim. Valem muito.”

Foi neste momento, de súbito, que a feição do dono da casa mudou completamente. Ele olhou para José e deu um sorriso grande debaixo dos bigodes que ele mal pode entender.

“É isto, é isto!” - gritava ao sair correndo do estábulo. Em cinco minutos voltou com um dos bolivianos e pediu para José passear novamente com os cavalos brancos. Enquanto passeava percebeu que o dono da casa mostrava-os para o boliviano, que olhava admirado. Ao fim, trocaram aperto de mãos e um longo abraço. Pareciam celebrar algo que José ignorava.

Naquele dia, mais tarde, finalmente, foi assinado o Tratado de Petrópolis, que anexou o Acre ao território brasileiro. O Brasil daria à Bolívia dois milhões de libras esterlinas, uma linha de ferro, alguns territórios do Mato Grosso e... dois cavalos brancos. Houve muita comemoração aquele dia, com música, champanhe e dança. Só quem não comemorou foi José, quando soube que se separaria dos seus cavalos.

Aquele dia não foi para casa. Sua expressão era tão triste e melancólica que mesmo os animais pareceram sentir que havia algo errado e não o deixavam. Lá ficou. Dormiu ao lado dos equinos.

A CASA DE BOTAFOGO

Os recitais na casa de Rui eram concorridos. Situada no aprazível bairro de Botafogo, a casa era uma das mais requintadas da cidade. A sala de música era especialmente decorada para tal, com um belo piano de cauda, sofás confortáveis, portas e janelas grossas para isolar o barulho externo. Os privilegiados convivas podiam degustar da boa música clássica e os músicos aguardavam ansiosos um convite para tocar ali.

Sentavam-se todos próximo ao piano, onde geralmente um músico dedilhava as teclas e outro cantava árias para a plateia, que ouvia em silenciosa referência. Como a disposição dos sofás era frente a frente, sem aquele formato típico de teatros, mesmo durante as apresentações era possível alguma interação visual entre os convivas.

A música era sempre acompanhada de bons vinhos, especialmente champanhe, predileção do dono da casa. Os quitutes não eram menos apreciados, com canapés e doces finamente preparados pelos empregados da casa, sempre sob a atenta supervisão de D. Maria, esposa do anfitrião.

Os recitais aconteciam todo sábado pontualmente às 16h00min. Apenas os convidados mudavam um pouco, mas Sr. Caetano e senhora eram convidados fixos, devido à forte amizade deles com o dono da casa. Chegavam no horário marcado, degustavam do vinho do dia e conheciam a programação - que se iniciava às 17h00min e durava uma hora. Depois na sala de música, as mulheres continuavam a conversa e os homens iam confabular na biblioteca.

Caetano tinha quarenta anos e era casado há quinze com D. Maria Assunção, filha de um rico fazendeiro da região de Valença. Tiveram três filhos, com idades entre dez e quatorze anos. Moravam no Cosme Velho em um espaçoso sobrado. Era amigo de Rui desde as brincadeiras na Rua dos Capitães em Salvador, Bahia, cidade onde os dois nasceram e cresceram. Depois de uma breve separação, quando Caetano seguia o pai cuidando das fazendas de cacau da família, foram se reencontrar na Faculdade de Direito de São Paulo, onde se formaram e consolidaram de vez a amizade. A vinda para a capital foi apenas mais um fato a aproximar os dois conterrâneos.

Dr. Caetano - como o chamavam - não faltava um recital, até porque nas últimas semanas encantara-se com uma sobrinha de Rui. Tinha dezoito anos recém completados a donzela, pele morena do sol da Bahia, corpo bem nutrido, formosa, cabelos longos e crespos, sorriso encantador. Viera para o Rio de Janeiro após concluir os estudos secundários em Salvador, presente do pai, juiz na cidade. Maria Amélia Barbosa era seu nome.

A primeira vez que a viu foi ao chegar para um recital quando os anfitriões a apresentaram louvando seus dotes em culinária, famosos na Bahia. Aquele mesmo dia poderiam provar um pouco da fama, Maria Amélia tinha preparado pastéis de camarão, envoltos com azeite de dendê e farinha de tapioca, receita secreta da família.

Estava Caetano mirando-a desde sua chegada, pouco ligando para os comentários do amigo sobre as pressões que recebia para candidatar-se a presidente e às quais ele resistia, pois sabia que o Nilo faria tudo para eleger o Marechal Hermes. Ele argumentava que a única coisa que o estimulava não era a presidência em si, mas quem sabe liderar uma campanha nacional a favor de que civis ocupem a presidência e não militares.

Dali nasceria a famosa Campanha Civilista que em 1910 o fez varrer o país pregando um civil na presidência. Empolgaria públicos acolá e alhures, discursando em São Paulo, Rio, Minas e Bahia. Seria a primeira vez que um candidato a presidência percorria o país pedindo votos. O embrião das atuais vultosas campanhas presidenciais.

* * * * *

Mas Caetano não lhe dava ouvidos, encantara-se com Maria Amélia. Ela ia de roda em roda, servindo seus pastéis e recebendo elogios. A cada caminhar de uma roda para outra, ela o olhava e sorria maliciosamente.

Durante o recital, Caetano pediu licença para a esposa para ir ao banheiro. Levantou-se e caminhou em direção ao la-

vabo, perto da sala de música. Ao sair, porém, não voltou imediatamente para o recital. Caminhou pelo corredor da grande casa no sentido oposto e percebeu a porta da biblioteca entreaberta, coisa rara. Entrou.

Sempre admirava a biblioteca da casa, com seus quase trinta mil volumes. Era um amplo salão, comprido e de pé direito generoso. As quatro paredes eram repletas de longas estantes de madeira, finamente trabalhadas. Tinham longas portas de vidro para proteger os livros da poeira e as iniciais do anfitrião no alto de cada estante, bem no meio: **RB**. No meio do salão, cadeiras, poltronas e no final do corredor, lado oposto da entrada, uma bela mesa em madeira jacarandá, onde Rui costumava trabalhar seus textos.

Além deste salão principal, a biblioteca tinha dois anexos, acessíveis por uma pequena porta à direita de quem entrava. O primeiro, um quarto de vestir, e logo depois um escritório particular, também com estantes de livros, porém menores. Era o cômodo mais isolado da casa, contando com uma ampla janela que dava para o jardim. Ele ficou ali olhando para o nada e acendeu um cigarro.

Divagando ali, sozinho em pensamentos, ouviu passos na biblioteca. De início ficou quieto em seu canto, esperando a pessoa sair. Como nada acontecia, depois de alguns minutos, jogou o cigarro pela janela e andou com cuidado de volta para a biblioteca. Olhou da porta, e viu Maria Amélia, de costas para ele, em frente a uma estante de livros.

“Olá”, ele disse. “Passeando também por aqui?”

Ela virou-se assustada, não sabia que havia alguém ali.

“Que susto!”

“Desculpe-me, não queria assustá-la.”

“Sem problemas. O que o senhor faz aqui?”

“Por favor, somos amigos, não me chame de senhor. Vim tomar um pouco de ar e você?”

“Eu também, vim me distrair um pouco. Adoro a biblioteca do meu tio.”

Ele caminhou para perto dela.

“Você ainda tem um cigarro?”

“Sim”, ele respondeu, sugerindo que fossem para o aposento ao lado. Ele ofereceu um cigarro, acendendo em seguida os dois. Debruçaram-se sobre o parapeito da janela e ficaram degustando o fumo. Ele pôde observar ainda mais a beleza dela, seu colo, sua pele, seu cheiro. Mal podia acreditar na chance de tê-la tão perto, ainda mais naquele ambiente privado.

Em determinado momento, ela se vira para ele e diz:

“Você me deseja?”

“Como?”

“Você entendeu a pergunta. Você me deseja?”

Ele ficou sem ação, pasmo com a pergunta e sem saber o que responder. Ela deu uma risada estridente que fez temer ser ouvido. Ela aproximou seu rosto, olhou uma vez mais em seus olhos que pareciam arder de desejo, e ofereceu seus lábios - juvenis e angelicais, mas decididos - nos lábios trêmulos e hesitantes daquele homem de meia-idade. Suas línguas entrelaçaram-se e pela volúpia pareciam espadas de viris gladiadores duelando um duelo sem fim, onde a êxtase não se encontra na vitória, mas no próprio duelo. Dela escorria suor pelo colo o que lhe acentuava ainda mais o odor típico que tanto o inebriava. Por longos e breves segundos - para nós, inocentes observadores longos, para os amantes breves como um raio - ficaram ali, naquela posição onde dois são um.

De repente ela parou. Afastou o rosto e o mirou. Tinha a expressão serena; ele totalmente assustado. Pegou o cigarro que jazia no parapeito da janela, deu uma última dragada, jogou-o pela janela, sorriu pra ele e saiu.

Atordado, ele mal teve forças para caminhar de volta. Entrou na sala e sua esposa estava encantada pela música. Sentou-se e ela nada perguntou sobre sua demora. Ainda estava tonto e absorto em pensamentos, quando ecoaram as tradicionais palmas dando conta do fim do espetáculo.

“Muito boa música, não é Caetano?”, sua mulher comentou com ele. “Você está bem? Parece tão assustado.”

“Estou bem, estou bem. Deve ser o calor.”

Levantou-se e olhou em volta do salão procurando Maria

Amélia. Foi encontrá-la ao lado da tia, conversando em uma roda. Ela olhou para ele e sorriu.

* * * * *

Em março de 1910, Rui e sua campanha civilista seriam derrotados pelo Marechal. Maria Amélia voltou para a Bahia. E assim continuava a vida, com os recitais vespertinos de sábado na casa de Botafogo.